

## **Rituais Online e a Atomização da Sociedade: peregrino ou profeta digital?**

Online Rituals and the Atomization of Society: digital pilgrim or prophet?

*Ricardo Toshio Bueno Hida<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo promover a reflexão sobre rituais religiosos online a partir de categorias e estudos clássicos, desenvolvidos pela antropologia, sociologia e ciência da religião acerca dos rituais presenciais. Fica evidente que, muito além da mudança na estrutura e na forma, os rituais online cumprem outros papéis na vida religiosa dos indivíduos no século XXI. Além, é claro, de reconstruir mitos, abalar estruturas de poder e se apresentar como um desafio para as religiões históricas. Entendemos que a religião é uma construção social e cultural e sofrerá, como as artes, a literatura, as ciências e a economia, importantes transformações graças ao uso da tecnologia. Demonstraremos, através de revisão literária, que os rituais online não são apenas resultados, mas fortalecerão a atomização da sociedade, e os internautas podem representar papel ora de peregrino, ora de profeta digital.

**Palavras-chave:** Rituais Online; Peregrino Digital; Profeta Digital.

### **Abstract**

This article aims to promote reflection on online religious rituals based on classic categories and studies developed by anthropology, sociology, and religious science regarding in-person rituals. It is clear that, far beyond the change in structure and form, online rituals fulfill other roles in the religious life of individuals in the 21st century. In addition, of course, to reconstructing myths, shaking up power structures, and posing a challenge to historical religions. We understand that religion is a social and cultural construction and will undergo, like the arts, literature, science, and economics, important transformations thanks to the use of technology. We will demonstrate, through a literary review, that online rituals are not just results, but will strengthen the atomization of society, and that Internet users can play the role of both pilgrim and digital prophet.

**Keywords:** Online Rituals; Digital Pilgrim; Digital Prophet.

---

<sup>1</sup> Professor da ESPM-SP, doutorando e mestre em ciência da religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ PUC-SP. E-mail: ricardotbhida@gmail.com

## **Introdução**

Os rituais online são uma consequência natural e imediata de um novo momento civilizatório, no qual a virtualidade, a atemporalidade, a ubiquidade e a lógica digital interconectada se tornam parâmetros fundamentais, diferentemente do que pesquisadores observaram no passado, ao se deparar com rituais físicos em comunidades fechadas. Ao contrário do que acontecia no passado, em que ritos eram validações coletivas, esses no universo virtual refletem uma sociedade cada vez mais individualizada e menos hierárquica, que opera com maior frequência em redes, deslocando o foco do poder de estruturas centrais para o próprio sujeito. Trata-se de uma sociedade narcisista em que tudo deve se adaptar ao indivíduo: produtos, serviços, relacionamentos e até tradições espirituais.

Nesse contexto, os rituais online fazem sentido em um período histórico que discute a desinstitucionalização e o papel da transcendência em nossas vidas. Essa reflexão não se restringe apenas ao âmbito religioso, mas também envolve ritos, protocolos do Estado e seus agentes, que ainda se sentem aturdidos pelo novo cenário.

Um exemplo recente, cujo vídeo é facilmente encontrável nas redes sociais, ilustra bem essas mudanças: durante uma audiência virtual da 18ª Vara do Trabalho de Curitiba, no dia 24 de outubro, um réu tentou se esconder debaixo da mesa para enganar o juiz. Ao perceber a quebra no rito, o magistrado encerrou a sessão, enquanto os demais participantes não conseguiram conter o riso diante da situação inusitada e constrangedora. O tribunal posteriormente determinou que os depoimentos das testemunhas ocorreriam presencialmente em uma data futura. Pode-se observar que mesmo os ritos jurídicos passam por um período de adaptação, exigindo novas posturas, tipificações criminais e punições. Os rituais digitais afetam todo o sistema de símbolos das sociedades e exige inclusive novos entendimentos sobre sua função, suas estruturas e formas, o que discutiremos no presente artigo.

Para isso buscaremos promover uma comparação dos rituais online atuais com um dos mais importantes pesquisadores da área e um clássico da antropologia, Roy Rappaport. Evidentemente há outros autores nacionais e internacionais de igual prestígio e relevância, como Marisa Peirano e Moisés Sbardelotto. Cabe, no entanto, ressaltar que tal escolha pelo antropólogo estadunidense se deu por sua pesquisa que define em 5 elementos principais o que é um ritual e que serve de matriz para diferentes cientistas sociais, sobretudo cientistas da religião nas Américas.

## **1. Os rituais**

Há diferentes definições para rituais, de acordo com o campo de conhecimento utilizado. Dessa forma, pesquisadores da antropologia têm percepções diferentes, mas não menos poéticas de seus pares na sociologia, ciência da religião, teologia e na psicologia.

Os rituais são formas de expressão de um grupo que, por meio deles, revivem seus mitos e valores, preservam tradições e poderes, reforçam vínculos entre os indivíduos, dignificam, reafirmam ou marginalizam identidades, sacralizam espaços e marcam a passagem do tempo. Em um ritual, tudo comunica: o espaço, os sons, os aromas e as vestimentas.

Para Segalen,

O ritual faz sentido visto que ordena a desordem, atribui sentido ao acidental e ao incompreensível, confere aos atores sociais os meios para dominar o mal, o tempo e as relações sociais. Sua essência é misturar o tempo individual e o tempo coletivo. Definidos em suas propriedades morfológicas e através de sua eficiência social, os rituais também se caracterizam por ações simbólicas manifestadas por emblemas sensíveis, materiais e corporais. (Segalen, 2002, p. 31).

Deal e Kennedy (1982) argumentam que rituais e símbolos comunicam de forma eficaz como os indivíduos devem se comportar, divertir-se, lidar com tensões, seguir procedimentos e agir com decoro. Por meio da dramatização de

experiências positivas, que devem ser constantemente lembradas, os rituais reforçam valores e visões de mundo compartilhadas.

Independentemente de serem definidos por uma linguagem técnica ou poética, os rituais são múltiplos e variados, refletindo a diversidade dos grupos sociais que os criam e sustentam. Ainda que não haja unanimidade entre os estudiosos da religião sobre uma definição precisa de espiritualidade ou religiosidade, é possível afirmar que não existe expressão religiosa sem rituais. Na verdade, não se pode conceber uma sociedade — das mais antigas às mais contemporâneas — sem a presença de rituais, que são elementos constitutivos de qualquer agrupamento humano.

Embora os rituais possam sofrer variações ao longo do tempo e em diferentes contextos, há uma forte resistência a mudanças significativas, tornando qualquer transformação um processo gradual e mínimo. Ou seja, até hoje acreditava-se, dada a natureza simbólica de um ritual, que ele, para ganhar legitimidade e força, precisa ter tradição. Ainda que essa tradição, como bem aponta Hobsbawm e Ranger (2020) seja inventada no momento presente.

Esses rituais podem ser classificados de inúmeras maneiras: simples ou complexos, formais ou informais, militares, civis, festivos, fúnebres, esportivos, comunitários, familiares, individuais, coletivos, artísticos, acadêmicos, políticos, profanos ou religiosos. Com o advento da internet, novas categorias podem ser incorporadas a essa lista: os rituais presenciais e os rituais virtuais.

Dessa forma, o surgimento da internet e a necessidade de organizar rituais no ambiente digital exigem uma revisão dos estudos ritualísticos disponíveis e uma atualização das formulações teóricas sobre o tema. As grandes pesquisas antropológicas do século XX foram baseadas, em grande parte, na observação de rituais dentro de grupos específicos e isolados, sem considerar a realidade de uma sociedade hiper conectada, supra territorial e em que a tecnologia influencia os modos de produção e comunicação.

É justamente sobre estes últimos — os rituais religiosos em ambiente virtual — que se debruça o foco deste artigo.

## **2. Rituais religiosos virtuais**

Encontros remotos não surgiram nos últimos 10 anos. Embora a pandemia em 2020 tenha imposto o uso de reuniões digitais e uma discussão imediata em torno dos encontros e rituais na internet, é possível afirmar que ela apenas acelerou transformações que já estavam em curso.

Da mesma forma, o uso de ferramentas digitais já era uma realidade em diversas práticas religiosas, o que pode ser observado a partir da publicação de muitas teses, dissertações e artigos tanto no Brasil quanto no exterior sobre o tema. Religiões sempre caminharam, não sem desconfiança inicial, com grandes descobertas.

As chamadas religiões históricas têm relações conturbadas em diferentes graus com invenções tecnológicas há muito tempo. Observa-se, em registros históricos, primeiramente o estranhamento e até mesmo a condenação de certas inovações, seguido de um período de negociação até a plena aceitação e incorporação dessas novas ferramentas nas diferentes tradições.

Muito antes dos pastores pregarem em rádios e TVs e até mesmo da invenção da prensa de tipos móveis por Gutenberg. A internet, por sua vez, já vinha sendo utilizada no contexto religioso há pelo menos duas décadas. A pesquisadora Magali Cunha utiliza o termo *ativismo digital evangélico* para explicar o crescimento dos pentecostais no cenário religioso brasileiro. Mas não só os protestantes.

A monja Coen também se destaca, com milhões de seguidores no Instagram — um número significativamente maior do que o de brasileiros que se declararam budistas no Censo de 2000. Como veremos adiante, os rituais online atraem um público muito mais amplo, incluindo pessoas que não necessariamente seguem a religião em questão.

Dessa forma, as redes sociais e seus influenciadores podem ser ferramentas eficazes de proselitismo institucional e, em alguns casos, até de conflito, sobretudo entre adeptos de uma mesma tradição que têm interpretação diferentes de dogmas.

Por outro lado, também contribuem para um processo de desinstitucionalização da Igreja, ao oferecer informações que possibilitam a construção de uma religiosidade individualizada.

De acordo com Harold Innis (2010), o meio de comunicação predominante em determinado período histórico constitui um dos elementos centrais na configuração da organização política, econômica, e social das sociedades. Esses meios constroem, estruturam e disseminam o conhecimento. Principalmente no que se convencionou chamar de sociedade de convergência e compartilhamento, em que os conhecimentos são mais facilmente acessados e ressignificados por pessoas não qualificadas. Nesse sentido, a internet — especialmente as redes sociais — influencia diretamente as práticas e instituições sociais, incluindo as religiões, exigindo uma reconfiguração de conceitos, rituais, relações e ações individuais.

Para melhor compreender o cenário, é preciso, inicialmente, estabelecer uma distinção entre mediação e midiaticização dos rituais religiosos.

A mediação da religião, de acordo com Martino (2013), refere-se ao uso da comunicação por uma religião sem que suas práticas litúrgicas sejam significativamente alteradas.

Já a midiaticização implica uma transformação mais profunda das práticas religiosas em função das tecnologias. Nesse caso, o culto ou ritual é planejado a partir de parâmetros midiáticos, ajustando-se às exigências das plataformas digitais. Em outras palavras, não é a transmissão que se adapta ao ritual, mas o próprio ritual que se molda às tecnologias, o que pode até mesmo impactar a doutrina religiosa.

Há uma grande diferença entre simplesmente televisionar missas e cultos e realizar um culto voltado para uma audiência digital. No ambiente virtual, as limitações físicas impõem novas dinâmicas, exigindo roteiros bem estruturados e uma linguagem próxima à do entretenimento. Diante da impossibilidade de garantir a concentração dos fiéis em um espaço físico, os novos líderes religiosos, na internet, precisam desenvolver habilidades semelhantes às de youtubers para atrair e manter uma audiência engajada. A lógica do entretenimento é absorvida pela religião.

Nesse cenário, observa-se que as redes sociais vêm desempenhando um papel central na amplificação e circulação das identidades religiosas, tornando-as mais acessíveis e abrangentes do que muitos rituais tradicionais, frequentemente vistos pelas novas gerações como obsoletos ou pouco atrativos. Paralelamente, essas plataformas digitais contribuem para uma desregulação informal das estruturas institucionais da religiosidade, particularmente no que se refere às hierarquias e à autoridade interpretativa. Assim, é possível observar situações em que padres se tornam mais influentes que arcebispos, e leigos ganham proeminência na interpretação das escrituras, por vezes superando teólogos oficialmente credenciados.

Por um longo período, o ritual — marcado por seu caráter conservador e por uma resistência intrínseca a modismos e transformações rápidas — foi um dos poucos aspectos da experiência religiosa que parecia imune à influência da internet. Contudo, o advento dos rituais online tem provocado debates significativos em torno de categorias fundamentais para os estudos ritualísticos, como ubiquidade, maleabilidade e intemporalidade, desafiando compreensões tradicionais sobre a performance ritual em contextos religiosos mediados digitalmente.

Um dos primeiros elementos a serem considerados no contexto dos rituais mediados digitalmente é a corporeidade. Os rituais têm o potencial de provocar transformações físicas nos indivíduos — como escoriações, marcas corporais ou

procedimentos como a circuncisão — além de instituírem tabus, como as restrições alimentares, que afetam diretamente o metabolismo e os hábitos cotidianos. O corpo, nesse sentido, não atua apenas como um receptor passivo das normas simbólicas de um grupo, mas como um agente central da ritualidade, responsável por retransmitir, de forma consciente ou inconsciente, as tradições incorporadas. Essa atuação se estende tanto ao momento da execução ritual quanto ao convívio cotidiano, influenciando a interação com os demais membros da comunidade e com sujeitos externos a ela.

Na dinâmica ritualística, o corpo humano também desempenha um papel essencial em muitas religiões, especialmente na comunicação com entidades transcendentais em tradições que adotam o transe como prática. Por essa razão, a ideia de uma total substituição dos rituais presenciais pelos rituais online pode ser questionada, embora tampouco existam rituais virtuais completamente desincorporados. Em um ritual presencial, não apenas a visão e a audição são fundamentais, mas também outras dimensões sensoriais. O mesmo não ocorre no universo digital.

A internet é um ambiente em que a fantasia estimula, e muito, a imaginação, influenciando atividades cerebrais, negligenciando o restante do corpo. Para Brasher et al. (2017), o universo digital trata-se de um "não ambiente", que desvia a atenção do espaço físico imediato, onde tradicionalmente ocorre a experiência religiosa.

Nessa perspectiva, discutir a corporeidade não se limita à constituição física humana. Também envolve a presença material de objetos que influenciam a vivência corporal e que podem ou não estar presentes em determinados rituais online.

Rappaport (2004) define o ritual como a execução de sequências relativamente invariáveis de atos formais e expressões, realizadas por corpos, sem que os praticantes codifiquem completamente seu significado.

No contexto dos rituais online, essa formalidade tende a ser flexibilizada pelos participantes, abrindo espaço para novos códigos, muitas vezes de caráter individual. Isso pode levar à falsa percepção de que o conteúdo é mais relevante do que a forma — uma ideia que contraria radicalmente a visão de Rappaport. Para ele, embora o significado e o conteúdo do ritual possam variar, sua estrutura deve permanecer intacta.

Segundo o antropólogo, a eficácia e a harmonia de um ritual — seu ritmo, organização e bom andamento, especialmente em grandes grupos — dependem essencialmente de sua forma e estrutura, muito mais do que de seu conteúdo.

Ao descrever os elementos universais dos rituais, Rappaport aponta como característica fundamental a distinção entre a criação e a execução do rito. Ou seja, um ritual é codificado por alguém que não é necessariamente quem o pratica. Sacerdotes e fiéis repetem práticas instituídas por seus antepassados, o que confere aos rituais um caráter conservador, voltado para a manutenção da tradição e o fortalecimento da identidade do grupo.

Por isso, rituais tendem a ganhar mais prestígio e força quanto mais enraizados estiverem em uma comunidade. Quando incorporados de forma natural pelos indivíduos, sua prática se torna tão integrada ao cotidiano que sequer é questionada. Ao contrário, a não realização de um ritual gera desconforto, funcionando como um alerta de que algo não está bem na comunidade. A negligência ritualística também pode ser um sinal de crise, indicando que o grupo está passando por transformações identitárias e mudanças em seus valores.

Por outro lado, segundo Rappaport, a criação deliberada de novos rituais é sempre vista com desconfiança pelos membros de uma comunidade, o que pode comprometer sua eficácia e credibilidade. Para serem aceitos, novos rituais precisam ser validados de alguma forma — seja por meio da justificativa de que foram revelados por entidades invisíveis, seja como um resgate de tradições esquecidas.

No caso dos rituais online, no entanto, uma nova dinâmica se impôs, especialmente após a pandemia. O surgimento desse formato trouxe adaptações inevitáveis às limitações tecnológicas, retomando a discussão sobre a mediação dos rituais.

Essa nova configuração não apenas elimina a presença física da comunidade e sua interação direta com o sacerdote, mas também altera a organização espacial do templo: a disposição dos elementos sagrados, a cenografia, a iluminação, os equipamentos de som e as câmeras se tornam parte essencial do ritual. Nesse contexto, os operadores de som e vídeo adquirem um papel tão relevante quanto os coroinhas em uma missa tradicional.

Além disso, em uma lógica próxima à do entretenimento, o líder religioso precisa desenvolver novas habilidades para manter a audiência conectada e engajada. Isso inclui a gestão eficiente do tempo e uma comunicação mais dinâmica e atrativa.

A segunda característica fundamental dos rituais, conforme proposto por Roy Rappaport, é a formalidade, intimamente relacionada ao elemento anterior da corporeidade. Para o autor, a formalidade ritualística manifesta-se na execução cuidadosa, reiterada e codificada de práticas simbólicas em contextos determinados, obedecendo a um padrão temporal específico e sendo realizadas em espaços reconhecidos coletivamente como sagrados. Trata-se, portanto, de uma regularidade que confere estabilidade, previsibilidade e autoridade à prática ritual, contribuindo para a manutenção da ordem simbólica e social do grupo.

No contexto dos rituais online, entretanto, a meticulosidade e a repetição de gestos e posturas — aspectos essenciais da formalidade ritual conforme delineada por Rappaport — tornam-se significativamente comprometidas. Muitas práticas rituais adquirem pleno significado apenas quando realizadas coletivamente e em espaços ritualmente preparados, reconhecidos como sagrados pela comunidade.

A ausência do ambiente físico compartilhado compromete não apenas a performance simbólica, mas também o sentido de pertencimento e a intensidade da experiência religiosa. O praticante, ao realizar o ritual em ambiente doméstico, pode sentir-se deslocado ou até mesmo constrangido ao repetir gestos sacralizados fora do espaço litúrgico tradicional e sem a presença dos demais membros da comunidade. Ademais, a concentração, a entrega emocional e a exclusividade da prática espiritual — características esperadas nos rituais presenciais — tendem a ser diluídas quando o fiel permanece em seu cotidiano doméstico, cercado por distrações, sem a delimitação espacial e simbólica que demarca o tempo e o espaço sagrados.

A formalidade também envolve solenidade, e essa característica proposta por Rappaport se torna ainda mais questionável no ambiente virtual. Até o momento, não há como equiparar o esplendor e a grandiosidade de um evento presencial àquele realizado online. Muito provavelmente, os participantes não usarão roupas especiais para a missa ou o culto dentro de casa, o que contribui para a descaracterização do rito.

Outro aspecto que fragiliza a formalidade dos rituais no ambiente digital diz respeito à ausência de um espaço coletivamente reconhecido como sagrado. A eficácia simbólica do ritual tradicional está, em grande medida, vinculada ao reconhecimento compartilhado de um local como território do sagrado — característica que dificilmente se reproduz nas práticas online. Ainda que alguns indivíduos possam considerar suas residências como espaços invioláveis ou espiritualmente significativos, o lar não configura, na maior parte dos casos, um ambiente de sacralidade coletiva.

Historicamente, é possível identificar a presença de capelas domésticas ou altares familiares em determinados contextos culturais, mas essa prática tem se tornado cada vez mais rara e dificilmente corresponde à lógica contemporânea dos rituais mediados por plataformas digitais. Nestes, o espaço físico do praticante não é consagrado nem compartilhado simbolicamente pelos demais

participantes, o que enfraquece os elementos estruturantes da formalidade ritual, tal como definida pelas tradições religiosas institucionais.

A terceira característica fundamental dos rituais, segundo Roy Rappaport, é a imutabilidade. Para o autor, os rituais são definidos por sua estabilidade estrutural, sendo apenas marginalmente suscetíveis a variações que, em sua visão, não comprometem sua essência. Contudo, no contexto dos rituais online, essa imutabilidade é profundamente questionada. Tais práticas não apenas transformaram aspectos significativos dos rituais das religiões históricas, como também passaram a se definir por sua impermanência, flexibilidade e adaptabilidade.

As mudanças observadas nos rituais mediados digitalmente não se restringem às dinâmicas espaciais, temporais ou performáticas anteriormente discutidas, mas afetam diretamente a estrutura ritualística. Além disso, os rituais online expandem consideravelmente seu alcance, incorporando a participação de neófitos e dos chamados “peregrinos digitais” — indivíduos que transitam entre comunidades religiosas ou que acompanham os ritos de forma pontual, sem filiação institucional formal.

Paradoxalmente, essa natureza fluida dos rituais online também confere a eles um potencial pedagógico inesperado. Ao serem transmitidos e arquivados em plataformas digitais, os ritos tornam-se acessíveis a públicos amplos e heterogêneos, funcionando como uma espécie de “escola virtual”. Gestos, posturas, entonações e coreografias que tradicionalmente demandavam anos de inserção comunitária e observação presencial podem, agora, ser aprendidos de forma acelerada por meio de vídeos, transmissões ao vivo e repositórios virtuais. Trata-se de uma transformação que, ao mesmo tempo em que ameaça a solidez da tradição ritual, democratiza seu acesso e reconfigura suas formas de transmissão.

A quarta característica identificada por Roy Rappaport na definição de ritual é a performance. Nesse aspecto, os rituais online mantêm uma relativa

proximidade com a concepção tradicional proposta pelo autor. Para Rappaport, ainda que as orientações litúrgicas possam estar registradas em textos sagrados ou manuais, esses registros não constituem, por si só, um ritual. A liturgia somente se concretiza enquanto ritual quando executada corporal e coletivamente, sendo a ação ritualística o elemento que confere eficácia simbólica à prescrição textual.

No entanto, o antropólogo estabelece uma distinção crucial: nem toda performance é ritual. Embora apresentações artísticas, como peças de teatro ou espetáculos de balé, compartilhem características formais com os rituais — como repetição, codificação e encenação —, carecem de elementos fundamentais que os inscrevam na lógica do sagrado, da tradição e da legitimação comunitária. A performance ritualística, diferentemente da artística, possui uma dimensão normativa e simbólica que a vincula a sistemas religiosos, éticos ou cosmológicos.

Dessa forma, embora os rituais online se afastem das formas tradicionais em termos de espaço e estrutura, sua condição de performance ainda os alinha parcialmente à definição de Rappaport, desde que mantenham a função simbólica e coletiva que caracteriza o agir ritual. A mediação tecnológica, nesse caso, não elimina a performance, mas a reinscreve em novos modos de presença e recepção.

A quinta característica destacada por Roy Rappaport diz respeito à tensão entre formalidade e funcionalidade nos rituais. Para o autor, os rituais não se esgotam na simples reafirmação da identidade coletiva ou na preservação da tradição; eles também cumprem uma função transformadora, operando sobre a realidade — ainda que de modo simbólico, não empírico ou objetivamente verificável. O agir ritualístico possui, portanto, uma eficácia performativa, capaz de produzir efeitos concretos na percepção e na experiência dos participantes.

A comunicação estabelecida durante o ritual não é meramente expressiva, mas ativa: ao enunciar e executar determinados gestos e fórmulas consagradas, os participantes são conduzidos à crença de que podem interferir nas

circunstâncias que os cercam, moldando eventos futuros ou influenciando o curso de suas vidas. Tal função transformadora não reside em uma causalidade direta, mas na força simbólica que o ritual detém sobre a subjetividade dos indivíduos e sobre o imaginário coletivo. A eficácia do ritual, nesse sentido, está em sua capacidade de reconfigurar a relação dos sujeitos com o mundo, oferecendo sentido, coesão e agência simbólica diante da instabilidade ou do sofrimento.

Para além da flexibilidade e adaptabilidade, os rituais online incorporam uma característica particularmente significativa: a intemporalidade. Em diversas culturas, os mitos não apenas estruturam a visão de mundo e os valores coletivos, mas também funcionam como fundamentos cronológicos, orientando o calendário sagrado e definindo a periodicidade dos rituais. Estes, por sua vez, reforçam e atualizam os mitos, estabelecendo uma circularidade entre narrativa mítica e prática ritualística.

Nos modelos tradicionais, os rituais estão vinculados a datas e horários específicos, ocorrendo dentro de marcos temporais bem definidos, com início, desenvolvimento e encerramento claramente delineados. Essa delimitação temporal é parte constitutiva de sua eficácia simbólica, pois insere os participantes em uma experiência sagrada que rompe, momentaneamente, com o tempo profano. No entanto, quando migrados para o ambiente digital, esses rituais tornam-se acessíveis fora de seus contextos originais, descolando-se de sua temporalidade litúrgica e passando a operar em um tempo contínuo e reconfigurável, característico das lógicas de circulação digital.

No ambiente digital, quando os rituais são gravados e disponibilizados em plataformas de streaming, sua circulação se desvincula dos marcos temporais litúrgicos tradicionais. Mesmo após sua realização, esses rituais continuam gerando interações e engajamento com públicos diversos — sejam eles praticantes da fé em questão ou meros observadores —, em diferentes regiões do mundo e por tempo indefinido.

Esse fenômeno é descrito por Castells (2020) como expressão do tempo intemporal, conceito que aponta para a dissolução das referências cronológicas lineares nas práticas mediadas pelas tecnologias digitais. Nesse contexto, a espiritualidade passa a operar em um espaço virtual e em um tempo contínuo, no qual o rito não possui mais um começo ou fim compartilhado, mas é revivido constantemente conforme a demanda e o acesso dos usuários. Trata-se de uma ressignificação profunda da relação entre tempo, espaço e sacralidade, provocada pela mediação tecnológica, que desafia as categorias tradicionais dos estudos sobre ritual e religião.

Esse fenômeno não apenas transforma a relação entre tempo e ritual, mas compromete também aspectos formais e simbólicos da prática ritualística. A possibilidade de edição das transmissões — comum nas plataformas digitais — pode alterar significativamente a duração, a sequência dos elementos e até a coerência simbólica dos rituais, diluindo ou reorganizando seus significados originais. Dessa forma, os rituais online tornam-se não apenas polissêmicos, ao abrirem-se a múltiplas interpretações, mas também acrônicos ou intemporais, ao perderem sua ancoragem em um tempo e espaço sagrados, coletivamente estabelecidos.

Para além da dissociação entre o momento da execução e o da recepção, é necessário considerar a nova lógica que rege sua duração e circulação: a lógica da economia da informação. Os rituais passam a ser editados, acelerados, fragmentados ou condensados, a fim de atender às expectativas de consumo rápido e à atenção intermitente típica do ambiente digital. Essa dinâmica contrasta frontalmente com a natureza tradicional do ritual religioso, concebido como uma prática estruturante, atemporal e voltada à preservação da memória e da tradição. No contexto digital, entretanto, os rituais correm o risco de serem convertidos em produtos simbólicos, adaptados à lógica do entretenimento e do mercado, distanciando-se de sua função originária de reconexão com o sagrado e com a comunidade.

Na contemporaneidade, os rituais religiosos online permitem que os fiéis participem das celebrações enquanto realizam simultaneamente outras atividades do cotidiano, sem a exigência de um preparo prévio ou de uma retirada simbólica do mundo profano. Práticas outrora fundamentadas em elementos como silêncio, concentração, introspecção e quietude — tradicionalmente associados à sacralidade dos espaços religiosos — tornam-se, nesse novo contexto, incompatíveis com a lógica acelerada, fragmentada e interativa das redes sociais digitais.

Esse cenário revela um paradoxo central: embora os rituais online ampliem significativamente o alcance e a acessibilidade das práticas religiosas, democratizando o contato com o sagrado para públicos mais amplos e diversificados, eles também tendem a inseri-las em uma dinâmica efêmera e superficial, marcada pela descontinuidade, multitarefa e ausência de solenidade. A lógica do ambiente digital tensiona, portanto, as categorias fundamentais que estruturavam os rituais presenciais.

Diante disso, os rituais religiosos perdem parcialmente suas delimitações tradicionais, tanto no plano temporal quanto no espacial. A ruptura com os marcos que separavam o tempo sagrado do tempo profano, bem como com a espacialidade consagrada — como templos, igrejas e terreiros —, redefine profundamente a experiência ritual e desafia os próprios fundamentos antropológicos e teológicos que sustentavam a eficácia simbólica do rito.

Nos rituais religiosos presenciais, existe uma fronteira clara entre o mundo físico, material e cotidiano — o profano — e a dimensão espiritual e sagrada.

No que diz respeito ao tempo, há uma liturgia de abertura que marca o início do rito, momento em que atividades paralelas são suspensas. Apenas após o encerramento do ritual o indivíduo retoma sua rotina civil: liga o celular, assiste ao noticiário, confere o resultado do futebol ou da novela.

Como aponta Miklos (2012), participar de uma experiência religiosa implica romper com a configuração espacial e temporal ordinária e reintegrar-se

ao tempo e ao espaço sagrados. Nesse mesmo sentido, Mircea Eliade (2020) argumenta que o ser religioso distingue entre o tempo e o espaço hierofânicos e o tempo e espaço profanos.

Nos rituais online, essa transição não ocorre. Os participantes continuam inseridos em seus ambientes cotidianos — em casa, no trabalho, ou mesmo em trânsito — muitas vezes sem interromper suas tarefas diárias.

Se, por um lado, os rituais online possibilitam alcançar uma audiência muito maior do que aquela comportada pelos espaços físicos tradicionais, fenômeno explicado pela audiência dos peregrinos digitais, por outro, perdem a dimensão de efervescência coletiva destacada por Durkheim (2013).

O peregrino digital, sem sair de seu ambiente doméstico, pode participar de diversos rituais — em tempo real ou gravados — interagindo ou não com outros fiéis, atravessando diferentes tradições religiosas. Esse sujeito pode ser alguém vinculado a uma religião fortemente institucionalizada ou um indivíduo que constrói sua própria identidade religiosa por meio da bricolagem, combinando elementos de diferentes crenças. Nesse processo, une-se temporária e virtualmente a outros participantes, buscando a validação de seu sistema de fé em uma dinâmica semelhante à dos antigos peregrinos.

Não há um compromisso real. De maneira anônima, livre e despreziosa, o internauta frequenta virtualmente os rituais sem ter a responsabilidade dos adeptos de uma religião, como rituais de iniciação, respeito a interditos e demais códigos éticos e morais.

Trata-se de um fenômeno natural em uma sociedade de rede, em que os laços são solúveis, quase inexistentes.

Redes são construídas ou reconstruídas em torno de si, o que Castells chama de privatização da sociabilidade, já que

A rede é especialmente apropriada para a geração de laços fracos múltiplos. Os laços fracos são úteis no fornecimento de informações e na abertura de novas oportunidades a baixo custo. A vantagem da rede é que ela permite a criação de laços fracos

com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação, ou mesmo no bloqueio da comunicação. De fato, tanto offline, quanto online, os laços fracos facilitam a ligação de pessoas, com diversas características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do autorreconhecimento (Castells, 2020, p. 442).

A internet, de modo geral, e as redes sociais, em particular, têm promovido laços relacionais voláteis e utilitários, preservando a autonomia individual e, ao mesmo tempo, alimentando uma ilusão de pertencimento coletivo. Nesse cenário, os rituais religiosos mediados digitalmente passam a incorporar elementos que favorecem uma vivência espiritual altamente atomizada, marcada por trajetórias religiosas fragmentadas e subjetivas — fenômeno frequentemente descrito como bricolagem religiosa.

Em uma sociedade em rede, caracterizada por vínculos fluidificados, temporários e superficiais, os rituais online podem produzir, especialmente entre indivíduos solitários, uma sensação ilusória de integração comunitária. Tais sujeitos, mesmo em contextos de não pertencimento institucional, acreditam estar conectados a um grupo mais amplo que partilharia uma espiritualidade comum, validando suas práticas pessoais por meio da participação episódica em rituais virtuais.

Contudo, essa aparente validação coletiva tende, na prática, a reforçar experiências religiosas profundamente individualizadas frequentemente desvinculadas das tradições, doutrinas e estruturas comunitárias originais que lhes conferiam coerência e continuidade. O resultado é uma prática ritual descontextualizada, em que o sagrado é apropriado de maneira subjetiva e muitas vezes esvaziado de sua densidade simbólica e relacional.

Lipovetsky (2005, p. XXIII) acredita que o narcisismo vai além de um comportamento autocentrado e hedonista: o sujeito narcisista precisa reunir-se com semelhantes para reivindicar novos direitos, buscar libertação e compartilhar suas vivências por meio de um discurso em primeira pessoa. A vida

associativa, nesse contexto, transforma-se em um instrumento psicológico. Vivemos em uma era marcada pela informação e pela autoexpressão, na qual a sociedade em rede se apresenta como uma plataforma para um narcisismo coletivo. Nesse espaço, os indivíduos encontram seus pares, compartilham preocupações específicas, experiências existenciais comuns e demandas semelhantes.

O sujeito contemporâneo, fortemente individualizado, tende a deslocar o sagrado de uma dimensão externa e institucionalizada para uma esfera interior e subjetiva, dando origem a um fenômeno conhecido como espiritualidade do self. As práticas ritualísticas, assim como os sentidos atribuídos às experiências espirituais são totalmente autorreferenciadas. O mesmo fenômeno se verifica na interpretação particular e única de livros sagrados e preceitos religiosos. Vivendo de maneira integrada à sociedade em rede, o sujeito busca trajetórias espirituais que se moldem às suas características identitárias: autonomia, flexibilidade e individualismo.

Estamos diante da famosa expressão “tirar o que cada religião tem de melhor”. É importante que se diga que esse melhor é atribuído única e exclusivamente pelo próprio peregrino digital.

Não é por acaso que se observa o aumento do fundamentalismo religioso. Possivelmente ele é explicado também por essa espiritualidade autorreferenciada. Não dispo de conhecimentos mais sofisticados, não dominando exegese, hermenêutica e demais ferramentas teológicas, o indivíduo interpreta à sua maneira qualquer texto que ele considera sagrado. A leitura e interpretação de qualquer doutrina se dá a partir de seus próprios interesses, de suas crenças, experiências individuais com a interferência de outros sistemas religiosos.

No contexto dos rituais online, não apenas a interpretação da doutrina, mas o controle da experiência ritualística passa a estar nas mãos do internauta, que pode se desconectar da prática a qualquer momento, sem que isso seja

percebido pelos demais participantes. Nos casos em que os rituais são gravados e posteriormente disponibilizados, os espectadores têm ainda mais autonomia: podem acelerar ou omitir trechos da transmissão que considerem desinteressantes, realizando, assim, uma edição pessoal da lógica ritual.

Os famosos cortes de entrevistas, declarações e rituais tão populares nas redes sociais são fragmentos desses conteúdos, atribuindo-lhes novos significados, muitas vezes alheios ao contexto original. Tal apropriação pode resultar na disseminação de interpretações distorcidas, fomentando debates polêmicos a partir de falas ou gestos descontextualizados. O ambiente digital, nesse sentido, oferece subsídios para a instrumentalização de práticas religiosas com fins ideológicos e proselitistas, mas também narcisistas.

O peregrino digital compra a Bíblia comentada por um pastor pentecostal, cuja mensagem no Instagram lhe faz bem. Acende um incenso durante a leitura, diante da imagem de São Francisco de Assis, cuja história ele conhece a partir de um vídeo postado por um famoso youtuber.

Por isso, esse processo dá origem a novas "celebridades espirituais" que se tornam referências para a cosmovisão de inúmeros peregrinos digitais, sem religião definida. Com forte aparato tecnológico, domínio sobre algoritmos, linguagem acessível e uma presença constante nas redes sociais, esses agentes religiosos não apenas contestam posições institucionais, mas também mobilizam seguidores em torno de interpretações particulares da fé, muitas vezes culminando na criação de novos movimentos religiosos, inclusive dentro de tradições históricas.

Tal fenômeno está diretamente relacionado ao que Keen (2009) denomina "culto do amador", no qual as competências comunicacionais se sobrepõem ao conhecimento técnico, teológico ou filosófico, bem como à experiência acumulada em contextos religiosos tradicionais. Nesse cenário, a autoridade é reconfigurada em função da visibilidade digital, abrindo espaço para novas formas de liderança e religiosidade em rede.

Há que se pensar que o peregrino digital despreza o sacerdote, vê nos influenciadores a figura do mago, o oráculo que ajuda pontualmente a resolver um assunto particular, e ele se tornando o profeta de sua própria fé.

### **Considerações finais**

É urgente e essencial compreender que ainda há muito a ser investigado sobre os rituais online, uma vez que são elementos simbólicos que foram adotados pelas sociedades e que fazem parte do cotidiano, em diferentes áreas, inclusive no direito e na religião. No entanto, faz-se necessário o aprofundamento sobre a natureza de tais rituais para se compreender todos os impactos nas relações sociais.

Como bem observa Campbell (2012), não é mais possível pensar em uma religião que seja exclusivamente online ou apenas offline. O conceito de religiões *all-line*, que operam simultaneamente nos espaços físico e digital, parece ser o mais adequado para compreender esse novo panorama. Ou ainda, o termo *phygital*, adotado pelo marketing contemporâneo, para indicar experiências de vendas complementares em lojas físicas e virtuais.

Os rituais online demonstram que as práticas religiosas têm hoje a capacidade de romper com noções tradicionais de tempo e espaço. Eles flexibilizam ou até subvertem tradições, desafiam autoridades estabelecidas dentro de hierarquias formais e forçam as instituições religiosas a reavaliarem suas práticas e estruturas.

Esse novo cenário aponta para uma coexistência entre rituais presenciais e manifestações de fé no ambiente digital. Além disso, os rituais online contribuem significativamente para o fortalecimento da chamada *espiritualidade do self*, permitindo ao indivíduo maior autonomia na construção de sua experiência religiosa, ainda que muitas vezes de forma solitária e personalizada. Essa agência se manifesta não só na peregrinação entre diferentes tradições, mas o indivíduo torna-se seu próprio profeta.

Em síntese, os rituais online revelam como as práticas religiosas contemporâneas têm se reconfigurado diante das novas dinâmicas tecnológicas e comunicacionais, rompendo com noções tradicionais de tempo e espaço. Ao flexibilizarem estruturas litúrgicas, desafiarem autoridades formais e impulsionarem uma espiritualidade centrada no indivíduo, esses rituais impõem às instituições religiosas a necessidade de repensar suas formas de atuação e organização. O cenário que se delineia não é de substituição, mas de coexistência: rituais presenciais e expressões de fé digitais passam a compor um ecossistema híbrido, no qual tradição e inovação se entrelaçam. Nesse contexto, os rituais online não apenas ampliam o alcance das experiências religiosas, como também refletem e reforçam transformações mais amplas da religiosidade no mundo contemporâneo — marcada por conectividade, fluidez identitária e crescente valorização da autonomia individual. Trata-se, portanto, de um campo em expansão que merece atenção constante da pesquisa acadêmica e teológica, diante de suas implicações sociais, culturais e institucionais.

## REFERÊNCIAS

BRASHER, Andrew; HOLMES, Wayne.; WHITELOCK, Denise. *Compare online distance universities*. EDULEARN17 Proceedings, pp. 5411-5415, 2017.

CAMPBELL, Heidi. Understanding the Relationship between Religion Online and Offline in a Networked Society. *In: Journal of the American Academy of Religions*, Volume 80, Issue 1, Março de 2012, p. 1-30.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; volume 1). 22ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e no ativismo digital*. 1ª edição. Curitiba: Editora Appris, 2019.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo. Martins Fontes, 2013.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*, 4ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

HOBSBAWM, Eric, e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

INNIS, Harold. *O viés da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

KEEN, Andrew. *O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*. São Paulo: Paulus, 2013.

MIKLOS, Jorge. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*, 1ª edição. São Paulo: Ideias & Letras, 2012.

RAPPAPORT, Roy. *Ritual and Religion in the Making of Humanity*, 6ª edição. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.